

ATIVIDADES DE INCLUSÃO DIANTE A INTEGRAÇÃO SENSORIAL EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)

Mestre Marina Sartori Uzelotto Dias
Prof.^a Dra. Nerli Nonato Ribeiro Mori





PROFEI - Mestrado Profissional em
Educação Inclusiva em Rede

Realização

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva
Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI)

Orientação

Prof.^a Dra. Nerli Nonato Ribeiro Mori

Elaboração

Mestre Marina Sartori Uzelotto Dias

Design gráfico

Lucélia Yumi Inumar

2024



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

D514a

Dias, Marina Sartori Uzelotto

Atividades de inclusão diante a integração sensorial em pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) / Marina Sartori Uzelotto Dias. - Maringá, PR, 2024.
42 f.

Acompanha a dissertação de mestrado: Transtorno do espectro do autismo e a integração sensorial. 99 f.

Orientadora: Profa. Dra. Nerli Nonato Ribeiro Mori.

Produto educacional (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI), 2024.

1. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). 2. Integração sensorial. 3. Educação - Práticas pedagógicas. 4. Autismo - Crianças. I. Mori, Nerli Nonato Ribeiro, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI). III. Título.

CDD 23.ed. 371.9

SOBRE AS AUTORAS

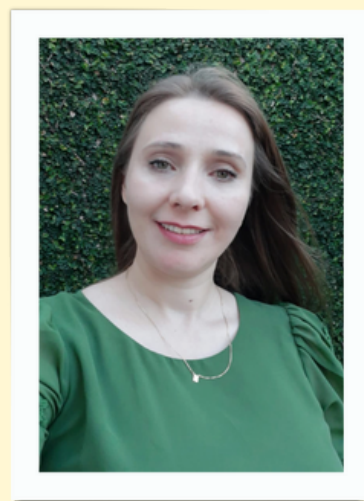
Marina Sartori Uzelotto Dias

Graduada em Administração de Empresas (UNESPAR), Letras Português/ Inglês (Faculdades Integradas do Vale do Ivaí - UNIVALE), Direito (Faculdades Integradas do Vale do Ivaí - UNIVALE) e Pedagogia (Centro Universitário de Araras – UNAR).

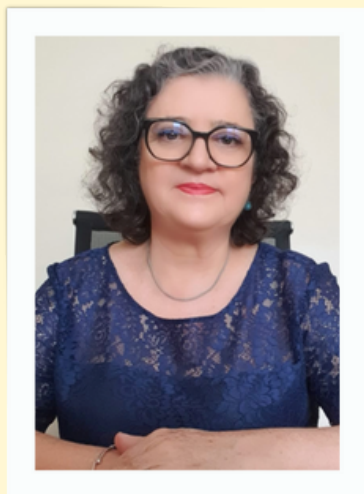
Especialista em Gestão Escolar (UNICENTRO).

Mestranda em Educação Inclusiva – PROFEI – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Professora da rede municipal.



Nerli Nonato Ribeiro Mori



Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Professora Titular e Pesquisadora Sênior do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva, da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq. Psicóloga, especialista em Neuropsicologia e Psicopedagogia.

Dedico este trabalho à luz, à alegria e à bênção
da minha vida: minha filha, Júlia.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	6
1	A INTEGRAÇÃO SENSORIAL	8
2	O INDIVÍDUO COM TEA E A INCLUSÃO	12
3	O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	16
4	ATIVIDADES PROPOSTAS: A Integração Sensorial em Indivíduos com TEA	19
4.1	Atividade 1 – Leitura Sensorial	19
4.2	Atividade 2 – Adição e Subtração com Materiais Táteis	22
4.3	Atividade 3 – Ortografia	26
4.4	Atividade 4 – Cozinhando Frações	29
5	MATERIAIS SUGESTIVOS AO USO DAS AULAS	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	38

APRESENTAÇÃO

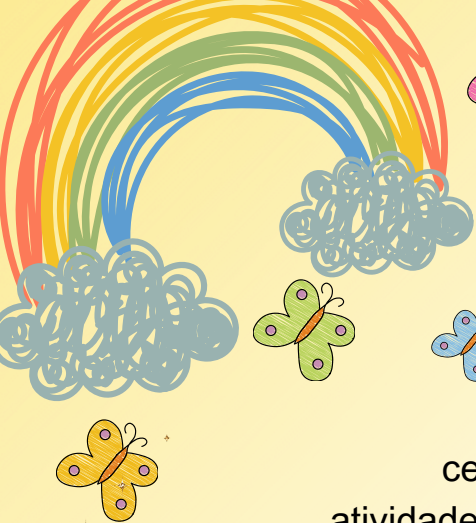
Este Caderno de Atividades foi desenvolvido com o objetivo de oferecer ferramentas práticas e acessíveis para trabalhar a integração sensorial em pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Sabemos que uma das características centrais do TEA está relacionada às dificuldades de processamento sensorial, o que pode gerar desafios no cotidiano, tanto no ambiente escolar quanto em casa.

Para muitos, estímulos do dia a dia, como sons, luzes, texturas e até mesmo o toque, podem ser percebidos de forma intensificada ou minimizada, interferindo diretamente na interação social, na aprendizagem e no bem-estar geral.

Pensando nisso, este Caderno de Atividades foi elaborado com base nos princípios da integração sensorial, buscando oferecer experiências sensoriais variadas que possam auxiliar o indivíduo no reconhecimento, regulação e processamento dessas informações.

As atividades aqui apresentadas foram pensadas para serem utilizadas por pais, professores, terapeutas ocupacionais e outros profissionais que atuam diretamente com pessoas com TEA, e podem ser adaptadas conforme as necessidades específicas de cada indivíduo. As atividades propostas são voltadas a área da Língua Portuguesa e Matemática, ao ensino fundamental I contemplando o 3º; 4º e 5º ano.





O material está dividido em seções que contemplam os diferentes sistemas sensoriais — como o sistema tátil, vestibular, proprioceptivo, auditivo e visual —, o Caderno oferece sugestões de exercícios lúdicos e envolventes que visam promover a organização sensorial, melhorar a coordenação motora, favorecer a concentração, a interação social e o autocontrole emocional. As atividades variam em nível de complexidade, permitindo que sejam aplicadas de acordo com as capacidades e preferências de cada pessoa.

Além de contribuir para o desenvolvimento sensorial, este Caderno de Atividades tem como objetivo principal promover a inclusão e a autonomia dos indivíduos com TEA, proporcionando-lhes experiências que ampliem sua compreensão do mundo ao seu redor e melhorem sua qualidade de vida. A integração sensorial é uma ferramenta essencial para garantir que esses indivíduos possam participar ativamente de diversas atividades do cotidiano de maneira mais confortável e confiante.

Esperamos que este material seja uma valiosa contribuição para o trabalho com pessoas no espectro autista e que as atividades aqui descritas possam trazer resultados positivos, tanto no aspecto terapêutico quanto no desenvolvimento global dessas pessoas.

1 A INTEGRAÇÃO SENSORIAL

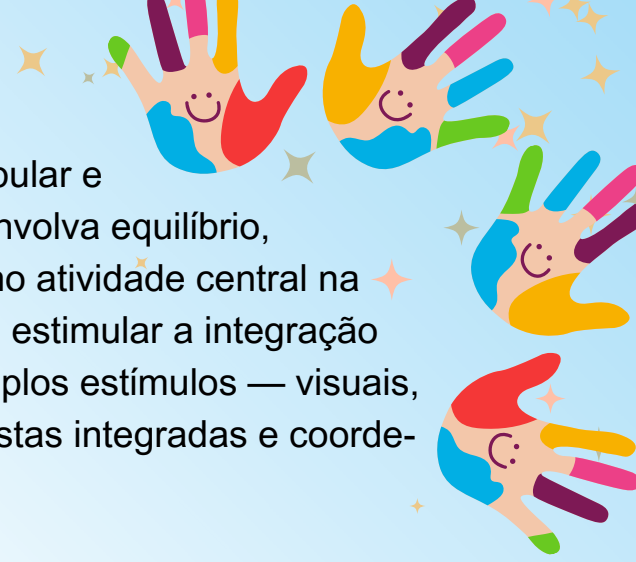
Com base nos autores supracitados na tese como Cardoso e Blanco (2019); Caminha (2008); Costa (2017), compreendeu-se que a integração sensorial é um processo fundamental no desenvolvimento humano, especialmente durante a infância, quando as experiências sensoriais são essenciais para a construção de habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais.

Trata-se da capacidade do sistema nervoso central de organizar e processar informações captadas pelos diferentes sentidos do corpo, como visão, audição, tato, olfato, paladar, além de sistemas internos como o vestibular (relacionado ao equilíbrio) e proprioceptivo (que nos dá a consciência da posição do corpo no espaço). A integração eficiente dessas informações permite que o indivíduo responda de forma adequada às demandas do ambiente, promovendo o desenvolvimento global e a interação harmoniosa com o mundo ao seu redor (Futuoso e Mori, 2022).

Desde os primeiros anos de vida, o desenvolvimento sensorial desempenha um papel crucial na maneira como as crianças aprendem a interagir com o ambiente. Ao nascer, o ser humano já está exposto a uma vasta gama de estímulos sensoriais que começarão a moldar sua percepção e entendimento do mundo. O bebê, por exemplo, explora o ambiente inicialmente através do tato, levando objetos à boca e sentindo suas texturas, temperaturas e formas, esse tipo de experiência é vital para o desenvolvimento neurológico, pois ao tocar, segurar ou apertar, a criança está não só explorando, mas também integrando informações sensoriais que irão, gradualmente, formar a base para habilidades motoras mais complexas (Gallahue e Ozmun, 2005; Fonseca, 2014).

À medida que a criança cresce, seu sistema sensorial continua a se desenvolver e amadurecer, o que facilita o aperfeiçoamento de suas habilidades motoras finas e grossas. Atividades como, correr, saltar, escalar, desenhar e manipular objetos promovem a interação





de diferentes sistemas sensoriais, como o vestibular e o proprioceptivo, permitindo que a criança desenvolva equilíbrio, coordenação e controle postural. O brincar, como atividade central na infância, é uma das formas mais importantes de estimular a integração sensorial, já que envolve a combinação de múltiplos estímulos — visuais, auditivos, táteis e motores — que exigem respostas integradas e coordenadas (Cebalos, et al., 2011).

No entanto, para algumas crianças, esse processo de integração sensorial pode não ocorrer de maneira fluida e eficiente, elas podem apresentar dificuldades em processar e organizar essas informações sensoriais, o que é conhecido como transtorno do processamento sensorial. Caminha (2008); Gauderer (1997) e Mello (2007) ressaltam que essas dificuldades podem se manifestar de diferentes maneiras, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a certos estímulos.

Uma criança hipersensível pode reagir de maneira exagerada a sons altos, luzes brilhantes, ou até mesmo ao toque suave de uma roupa ou ao cheiro de um alimento, já uma criança hipossensível pode buscar estímulos sensoriais de forma intensa, como esfregar-se em superfícies ásperas ou buscar movimentos bruscos para sentir o corpo no espaço. Essas dificuldades sensoriais podem interferir no comportamento, na concentração, nas interações sociais e na capacidade de aprendizagem.

Mendes e Costa (2018) e Serrano (2016) enfatizam que a integração sensorial, nesse sentido, não diz respeito apenas à recepção passiva dos estímulos, mas à forma como o cérebro organiza essas informações, as interpreta e permite uma resposta apropriada. O processamento sensorial adequado é essencial para que a criança possa, por exemplo, prestar atenção a um professor na sala de aula, concentrar-se em uma atividade específica ou adaptar-se a mudanças em seu ambiente sem se sentir sobrecarregada ou ansiosa, quando há falhas nesse processo, pode haver dificuldades significativas no desenvolvimento escolar, social e emocional.

Na educação infantil, a atenção à integração sensorial pode ser fundamental para o desenvolvimento pleno das crianças, especialmente aquelas que estão no espectro do autismo ou que apresentam outras condições de

desenvolvimento atípico. Relvas (2020) destaca que crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), por exemplo, frequentemente têm dificuldades no processamento sensorial, o que pode impactar diretamente sua interação com o ambiente, com as pessoas ao seu redor e até mesmo com sua própria regulação emocional. A integração sensorial, quando trabalhada de maneira sistemática e direcionada, pode ajudar essas crianças a se sentirem mais seguras e confortáveis em seu meio, facilitando sua participação ativa em diversas atividades do cotidiano.

Ramos (2011) e Saravali (2004) concordam quanto ao desenvolvimento sensorial é, portanto, uma base para uma série de competências que surgirão ao longo da vida, a capacidade de regular e processar estímulos sensoriais adequadamente permite o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais que são necessárias para a independência e o bem-estar. Ao longo do tempo, à medida que o cérebro continua a amadurecer e a integrar essas informações, os indivíduos se tornam mais capazes de realizar tarefas complexas, de resolver problemas e de interagir de forma mais eficiente com o mundo, esse desenvolvimento não ocorre de forma isolada, mas é influenciado por uma série de fatores ambientais e sociais, que fornecem à criança as oportunidades necessárias para explorar e interagir com estímulos variados.

O trabalho com a integração sensorial tem implicações importantes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e terapêuticas que favoreçam o desenvolvimento infantil. Quando educadores e terapeutas compreendem as bases do processamento sensorial, eles podem criar ambientes e





atividades que estimulem a criança de maneira equilibrada, respeitando suas necessidades e particularidades, por exemplo, em uma sala de aula, pode ser importante incluir momentos de atividades físicas que promovam o movimento e a consciência corporal, intercalados com momentos de concentração e foco. Isso não apenas auxilia no desenvolvimento sensorial, como também contribui para a autorregulação emocional e comportamental, promovendo um ambiente mais acolhedor e propício ao aprendizado (Souza, 2021; Souza e Nunes, 2019).



Além disso, intervenções sensoriais, como o uso de materiais com diferentes texturas, atividades que envolvam movimentos rítmicos e sensações vestibulares, e estratégias para reduzir estímulos sobrecarregantes, podem ser benéficas para ajudar crianças a se acalmarem e a lidarem com situações que, de outra forma, seriam estressantes (Mendes e Costa, 2018).

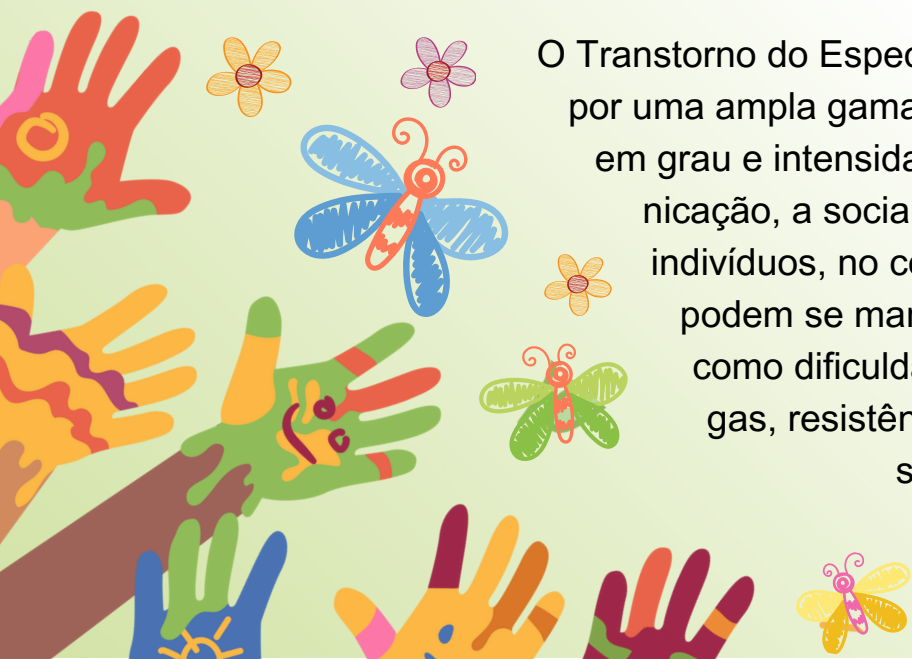
2 O INDIVÍDUO COM TEA E A INCLUSÃO

Teixeira; Castro e Zoltowski (2012) e Vieira (2012) enfatizam que a inclusão no espaço escolar é um dos pilares fundamentais para a construção de uma educação justa, equitativa e acessível a todos os estudantes, independentemente de suas diferenças ou necessidades específicas. Quando falamos em inclusão, estamos nos referindo a um ambiente em que todos os alunos, com ou sem deficiências, possam aprender juntos, respeitando-se suas individualidades e promovendo-se o desenvolvimento integral de cada um.

No caso dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), a inclusão escolar assume uma importância ainda maior, visto que esses indivíduos, frequentemente, enfrentam desafios significativos no campo social, comunicacional e comportamental (Pinto et al., 2016).

Orrú (2012) e Mendes e Costa (2018) citam que a escola tem um papel central no processo de inclusão, pois é nesse ambiente que as crianças têm a oportunidade de conviver com a diversidade, aprender a lidar com as diferenças e desenvolver habilidades essenciais para a vida em sociedade. A inclusão escolar de alunos com TEA vai muito além de simplesmente permitir seu acesso à sala de aula; ela envolve a criação de estratégias pedagógicas que garantam que essas crianças possam participar de todas as atividades educacionais de forma ativa e significativa, o que inclui desde a adaptação de materiais didáticos até a capacitação de professores e a promoção de um ambiente acolhedor e empático por parte de toda a comunidade escolar.

O Transtorno do Espectro do Autismo é caracterizado por uma ampla gama de manifestações, que variam em grau e intensidade, podendo impactar a comunicação, a socialização e o comportamento dos indivíduos, no contexto escolar, esses desafios podem se manifestar de diferentes maneiras, como dificuldades na interação com os colegas, resistência a mudanças na rotina, sensibilidade a estímulos sensoriais



e necessidade de apoio para manter a atenção e o foco nas atividades (Mello, 2007). Portanto, a inclusão de alunos com TEA exige um planejamento pedagógico cuidadoso e flexível, que leve em consideração suas particularidades e ofereça o suporte necessário para que possam desenvolver seu potencial.

A importância da inclusão desses alunos no ambiente escolar está diretamente ligada ao seu desenvolvimento integral, a escola é um espaço onde as crianças não apenas adquirem conhecimentos acadêmicos, mas também constroem suas habilidades sociais e emocionais. Mantoan (2013) e Graciani (2016) enfatizam que para alunos com TEA, a convivência com outras crianças é uma oportunidade valiosa de aprendizagem, pois eles têm a chance de observar, imitar e praticar comportamentos sociais que talvez não sejam tão acessíveis em ambientes isolados ou segregados. Além disso, a presença de alunos neurotípicos em sala de aula pode servir como modelo, facilitando a aquisição de habilidades comunicativas e a adaptação a diferentes situações sociais.

Gauderer (1997) e Diaz (2016) concordam que o desenvolvimento de alunos com TEA em um ambiente inclusivo é potencializado quando a escola adota práticas pedagógicas que favoreçam essa inclusão, isso pode envolver o uso de estratégias visuais, como cronogramas e agendas estruturadas, que ajudam a criança a compreender e se preparar para as atividades do dia, ou a utilização de tecnologias assistivas que auxiliem na comunicação e no aprendizado. Além disso, a presença de um mediador ou profissional de apoio especializado pode ser necessária em alguns casos, para garantir que a criança tenha o suporte adequado para participar das atividades de forma ativa.

Muitos educadores, embora dispostos a incluir alunos com TEA em suas salas de aula, sentem-se despreparados para lidar com as demandas específicas que essas crianças podem apresentar. Por isso, é essencial que as escolas invistam em capacitação e formação, promovendo a disseminação de conhecimentos sobre o autismo, suas manifestações e as melhores práticas pedagógicas para garantir o sucesso escolar desses alunos. Compreender as dificuldades de processamento sensorial, os padrões de comportamento e as formas alternativas de comunicação é

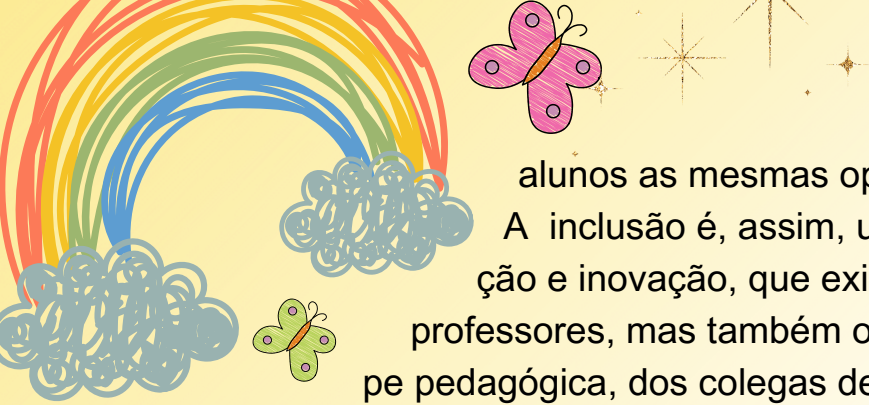
crucial para que o professor possa criar um ambiente de aprendizagem adequado (Figueiredo, 2010; Freire, 2016; Gatti, 2019).

A convivência com a diversidade estimula valores como empatia, respeito e solidariedade, preparando todos os estudantes para viver em uma sociedade plural. Quando uma escola se compromete com a inclusão, ela está formando cidadãos mais conscientes e preparados para lidar com as diferenças, promovendo uma cultura de aceitação e igualdade que vai além dos muros da instituição (Martins, 2013).

Além disso, pesquisas indicam que a inclusão tem um impacto positivo no desenvolvimento acadêmico de alunos com TEA. Em um ambiente inclusivo, onde as estratégias pedagógicas são adaptadas às necessidades do aluno, há maior chance de que ele se sinta engajado e motivado a aprender, o que contribui para a sua progressão acadêmica. Mazzota (2013) e Mesquita (1997) afirmam que a sensação de pertencimento, de ser parte de um grupo, também é essencial para o bem-estar emocional desses alunos, que muitas vezes enfrentam o isolamento social. Ao ser incluído no ambiente escolar, o aluno com TEA tem a oportunidade de construir relações de amizade, aprender a lidar com frustrações, e desenvolver sua autoestima, aspectos fundamentais para o seu crescimento pessoal.

Assim, a inclusão escolar de alunos com TEA reflete o compromisso com uma educação inclusiva e democrática, trata-se de reconhecer que a diversidade é uma característica inerente à sociedade e que a escola, como espaço formador, deve acolher essa diversidade, proporcionando a todos os





alunos as mesmas oportunidades de desenvolvimento. A inclusão é, assim, um processo contínuo de adaptação e inovação, que exige não apenas a participação dos professores, mas também o envolvimento da família, da equipe pedagógica, dos colegas de classe e da própria comunidade.

A escola inclusiva é um ambiente onde a diversidade é valorizada e onde todos os alunos, independentemente de suas necessidades, têm a oportunidade de aprender, se desenvolver e participar plenamente. Para que isso aconteça, é necessário um compromisso coletivo com a criação de estratégias pedagógicas acessíveis, formação continuada para os professores e o desenvolvimento de uma cultura escolar que promova a empatia e o respeito às diferenças.

Dessa forma, a inclusão torna-se uma poderosa ferramenta de transformação social, permitindo que alunos com TEA não apenas tenham sucesso na escola, mas também desenvolvam as habilidades necessárias para uma vida plena e autônoma na sociedade.

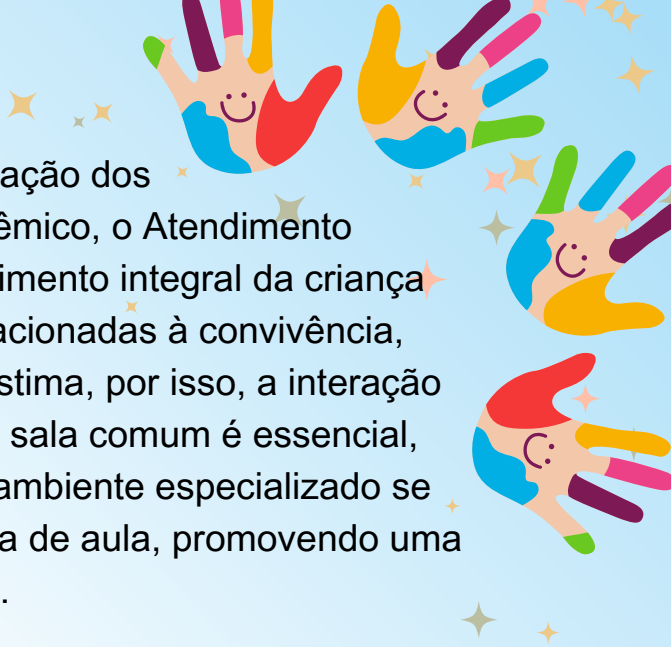
3 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço fundamental no contexto da educação inclusiva, pois visa garantir que alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação tenham suas necessidades específicas atendidas de forma adequada no ambiente escolar (Franco e Schutz, 2020). O AEE complementa e suplementa o ensino regular, oferecendo suporte especializado e estratégias pedagógicas adaptadas para promover o desenvolvimento pleno desses alunos, assegurando que eles possam aprender e se desenvolver junto aos demais colegas, em igualdade de condições.

O princípio central do AEE é a inclusão, que parte da premissa de que todos os alunos, independentemente de suas limitações ou habilidades, têm o direito de frequentar a escola comum e participar de todas as atividades escolares, no entanto, muitos alunos com necessidades educacionais especiais enfrentam barreiras que tornam a aprendizagem mais desafiadora, e é nesse ponto que o Atendimento Educacional Especializado se torna essencial (Santos et al., 2021). Esse serviço oferece apoio pedagógico em salas de recursos multifuncionais ou em outros ambientes especializados, de acordo com as demandas de cada estudante.

O AEE não substitui o ensino regular, mas complementa-o, ou seja, o aluno que recebe esse atendimento continua participando de todas as atividades da sala de aula comum, mas em determinados momentos pode ser atendido em espaços especializados, onde recebe apoio direcionado para desenvolver suas habilidades. Esse suporte pode envolver o uso de recursos pedagógicos específicos, tecnologias assistivas, métodos diferenciados de ensino e intervenções adaptadas às necessidades individuais do aluno (Ozório et al., 2020).

Outro aspecto importante do AEE é a sua função de trabalhar o desenvol-



vimento das habilidades sociais e de comunicação dos alunos, além de atuar sobre o conteúdo acadêmico, o Atendimento Educacional Especializado foca no desenvolvimento integral da criança ou adolescente, abordando competências relacionadas à convivência, interação com os colegas, autonomia e autoestima, por isso, a interação entre o professor de AEE e os professores da sala comum é essencial, pois garante que as estratégias utilizadas no ambiente especializado se alinhem ao que está sendo trabalhado em sala de aula, promovendo uma educação mais coesa e eficaz (Borges, 2021).

O papel do professor do AEE é crucial nesse processo, ele deve ter formação específica para identificar as necessidades de cada aluno e saber como adaptar o currículo e as atividades para que os estudantes possam aprender da melhor forma possível. Esse profissional também atua como um mediador entre a equipe pedagógica da escola e a família do aluno, ajudando a criar um plano individualizado de atendimento que contemple as especificidades de cada criança (Martins, 2013). A parceria com a família é especialmente importante, pois os pais e responsáveis desempenham um papel vital no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Além disso, o AEE promove a utilização de tecnologias assistivas, que são ferramentas e recursos que ampliam as capacidades funcionais dos alunos, visto que essas tecnologias variam desde softwares de comunicação alternativa para alunos que não conseguem falar, até dispositivos de mobilidade ou materiais adaptados para facilitar o acesso ao conteúdo escolar. O uso dessas ferramentas potencializa a aprendizagem e a participação dos alunos em todas as atividades da escola, tornando o ambiente educacional mais inclusivo (Yaegashi et al., 2021).

No contexto do AEE, é fundamental reconhecer que a inclusão escolar não se trata apenas de inserção física dos alunos com deficiência no ambiente escolar, mas de sua participação efetiva em todas as atividades da escola, como traz Teixeira; Castro e Zoltowski (2012), ou seja, significa que o aluno deve ser parte ativa do processo de aprendizagem, e não apenas um observador. Para que isso aconteça, é necessário que o AEE e a escola como um todo trabalhem juntos para eliminar barreiras ao aprendizado,

sejam elas arquitetônicas, pedagógicas ou atitudinais.

Entretanto, apesar dos avanços na legislação e nas políticas educacionais, a implementação efetiva do AEE ainda enfrenta desafios, em suma, o Atendimento Educacional Especializado é uma ferramenta vital para a construção de uma escola inclusiva e democrática. Ao oferecer suporte individualizado e adaptado às necessidades de cada aluno, o AEE promove a equidade no processo de ensino-aprendizagem, permitindo que todos os estudantes tenham a oportunidade de desenvolver suas potencialidades e participar de forma plena da vida escolar.

O desafio de consolidar uma educação inclusiva ainda existe, mas com o empenho de professores, escolas, famílias e políticas públicas, é possível criar um ambiente onde todos os alunos, independentemente de suas características, possam aprender, crescer e se desenvolver juntos.





4 ATIVIDADES PROPOSTAS: A Integração Sensorial em Indivíduos com TEA

4.1. Atividade 1 – Leitura Sensorial

Área	Língua Portuguesa
Ano	3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I
Competências da BNCC	(EF15LP02) Explorar diferentes gêneros textuais, reconhecendo e utilizando seus aspectos formais e linguísticos para a comunicação em situações cotidianas.
	(EF03LP02) Utilizar estratégias de leitura para compreender diferentes tipos de texto.
Objetivos	Desenvolver habilidades de leitura e compreensão de gêneros textuais, explorando o texto por meio de estímulos sensoriais.
	Promover a integração sensorial para melhorar a comunicação e a socialização dos alunos com TEA.
	Estimular a coordenação motora fina e habilidades de reconhecimento de letras e palavras.
Materiais Necessários	Texto da história e imagens ilustrativas.
	Objetos sensoriais (como folhas, areia, tecidos com diferentes texturas, sons gravados, etc.).
	Cartões com letras e palavras feitas de diferentes texturas.
	Painel visual com imagens e palavras para montagem de frases.
Justificativa Pedagógica	Essa atividade visa criar um ambiente inclusivo e acessível para os alunos com TEA, estimulando o aprendizado de forma multissensorial, de acordo com suas necessidades individuais. Através da integração sensorial, a atividade promove o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas de maneira mais acessível, alinhada às competências da BNCC para o 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

Descrição da Atividade:

1. Introdução: Leitura Sensorial de uma História

O mediador a frente da atividade, escolherá uma história curta e simples de acordo com o nível dos alunos (ex: uma fábula ou conto infantil), apresentando-a em formato impresso e com suporte visual (imagens coloridas grandes).

Antes da leitura, introduzirá o tema por meio de estímulos sensoriais relacionados à história (ex: objetos com texturas, sons, ou aromas que remetam ao conteúdo da narrativa), por exemplo, se a história envolve uma floresta, pode-se trazer folhas secas, sons de pássaros ou aromas de flores, assim como mostra a imagem da atividade.

2. Leitura Interativa

O mediador fará a leitura em voz alta, enquanto os alunos exploram os materiais sensoriais dispostos na sala. Eles podem tocar objetos, escutar sons relacionados à história e sentir aromas que estejam conectados com o enredo.

Durante a leitura, a professora fará pausas estratégicas, solicitando que os alunos apontem para as imagens ou repitam palavras-chave do texto. Isso incentiva a participação ativa dos alunos e o reconhecimento das palavras, reforçando a leitura por meio de estímulos táteis, auditivos e visuais.

3. Atividade de Escrita Sensorial

Após a leitura, os alunos serão convidados a participar de uma atividade de escrita sensorial. Cada aluno receberá letras do alfabeto feitas de materiais com texturas diferentes (por exemplo, feltro, lixa, espuma) para montar palavras simples da história.

- As palavras escolhidas podem ser substantivos ou ou adjetivos usados no texto (como “árvore”, “pássaro”, “feliz”).
- Os alunos terão que tocar as letras, associar as formas e construir as palavras correspondentes.



4. Reconhecimento de Palavras e Sons

Para reforçar o reconhecimento das palavras e promover a integração sensorial, os alunos participarão de um jogo de correspondência: em uma mesa estarão imagens dos personagens ou objetos do texto e, em outra, as palavras correspondentes em cartões texturizados. A tarefa será fazer a correspondência entre as palavras e as imagens.

5. Finalização: Reflexão Sensorial

Para concluir a atividade, cada aluno será incentivado a compartilhar (com apoio visual ou verbal, conforme suas possibilidades) como os diferentes estímulos sensoriais os ajudaram a entender e apreciar a história. Isso pode ser feito por intermédio de perguntas simples como "Qual foi a parte mais divertida?" ou "O que você gostou de tocar?".

Além disso, eles serão estimulados a construir frases curtas sobre a história, utilizando um painel interativo com imagens e palavras (com texturas) para que possam completar as frases visualmente e com apoio tátil.

Avaliação: A avaliação será feita por meio da observação da participação dos alunos durante a atividade, sua capacidade de reconhecer palavras e imagens associadas, e a interação com os materiais sensoriais. Além disso, será avaliado o progresso na compreensão do texto e na construção de frases simples, levando em consideração o nível de cada aluno com TEA.

Imagem da Atividade 1



Fonte: Via Google Imagens (2024)

4.2. Atividade 2 – Adição e Subtração com Materiais Táteis

Área	Matemática
Ano	3º; 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I
Competências da BNCC	(EF03MA05) Reconhecer e representar números naturais até a ordem das centenas, estabelecendo relações com o sistema de numeração decimal.
	(EF03MA07) Resolver problemas envolvendo adição e subtração de números naturais, utilizando diferentes estratégias e registros.
Objetivos	Desenvolver o reconhecimento de números e operações de adição/subtração de maneira sensorial e acessível.
	Promover a integração sensorial para facilitar o entendimento dos conceitos numéricos por meio do uso de materiais táteis e visuais.
	Estimular a coordenação motora e habilidades cognitivas dos alunos, promovendo a inclusão de crianças com TEA no aprendizado de conceitos matemáticos básicos
Materiais Necessários	Blocos numerados de espuma ou madeira (com texturas diversas).
	Bolinhas de borracha coloridas para contagem.
	Números em material tátil (feltro, lixa, etc.).
	Faixa numérica de tecido com texturas e números impressos.
	Cartões com operações de adição e subtração.
	Caixa com diferentes texturas (como lixa, algodão, velcro) para que os alunos explorem sensorialmente durante as atividades.

Justificativa Pedagógica	A atividade sensorial foi planejada para oferecer um ambiente de aprendizado inclusivo e acessível, que promova o desenvolvimento das habilidades matemáticas dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A integração sensorial permite que os alunos explorem conceitos abstratos, como números e operações, de maneira concreta e tátil, garantindo uma maior compreensão e envolvimento com os conteúdos de Matemática, alinhados às competências da BNCC para o 3º ano do Ensino Fundamental.
--------------------------	--

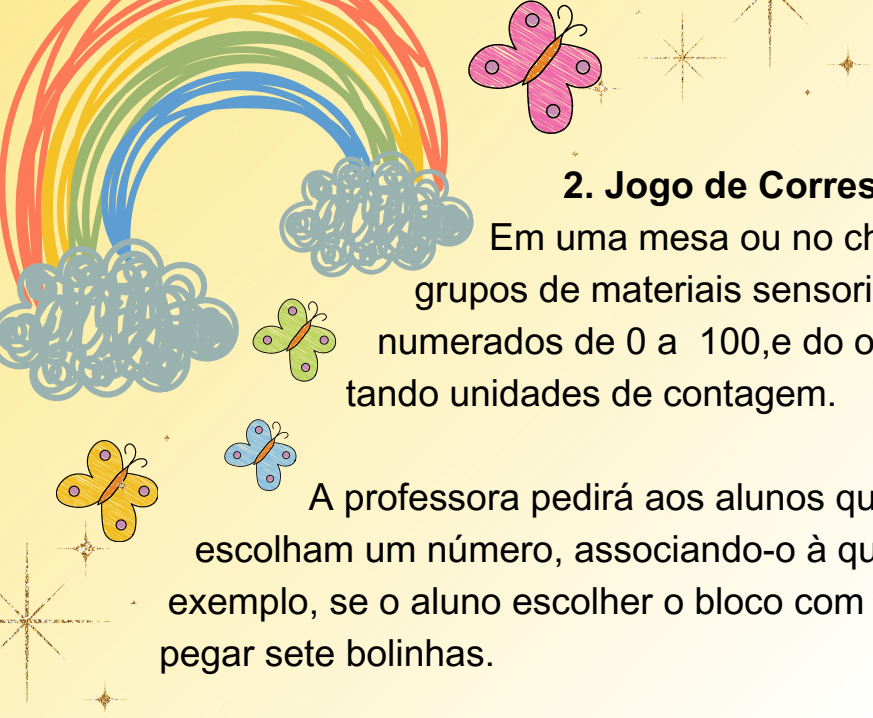
Fonte: Autora

Descrição da Atividade:

1. Introdução: Apresentação dos Materiais Sensoriais

O mediador a frente da atividade apresentará aos alunos diferentes objetos sensoriais que serão utilizados durante a atividade. Os materiais podem incluir blocos de espuma numerados, bolinhas coloridas de borracha, caixas com texturas diferentes e números feitos de materiais táteis como feltro ou lixa, assim como mostra a imagem da atividade. A introdução será uma atividade de reconhecimento: cada aluno será convidado a tocar e explorar os materiais, identificando os números correspondentes e familiarizando-se com a textura e a forma dos objetos.





2. Jogo de Correspondência Numérica Sensorial

Em uma mesa ou no chão, a professora organizará dois grupos de materiais sensoriais: de um lado estarão os blocos numerados de 0 a 100, e do outro, bolinhas coloridas representando unidades de contagem.

A professora pedirá aos alunos que toquem os blocos numerados e escolham um número, associando-o à quantidade correta de bolinhas. Por exemplo, se o aluno escolher o bloco com o número “7”, ele deverá contar e pegar sete bolinhas.

Para facilitar o processo, cada bolinha terá uma cor diferente para ajudar a organizar visualmente o processo de contagem.

3. Atividade de Adição e Subtração com Materiais Táteis

Os alunos trabalharão com operações básicas de adição e subtração. A professora apresentará cartões com problemas simples (como “ $3 + 2$ ” ou “ $6 - 1$ ”) e pedirá que os alunos resolvam utilizando os materiais sensoriais.

Para a adição, eles usarão as bolinhas coloridas, adicionando a quantidade indicada no cartão e depois verificando o resultado com o número correspondente nos blocos táteis. Para a subtração, eles retirarão as bolinhas até alcançar o número correto.

Durante a atividade, a professora reforçará a ideia de agrupamento, trabalhando o conceito de dezenas e unidades com diferentes texturas e cores (ex: bolas grandes para dezenas, pequenas para unidades).

4. Caminho Numérico Sensorial

Uma faixa de tecido com números de 1 a 100 será colocada no chão. Os números estarão dispostos em blocos sensoriais (com texturas variadas). A atividade consiste em os alunos percorrerem esse “caminho numérico”, tocando os números enquanto a professora propõe desafios, como “Pise no número 20” ou “Caminhe até o número que representa a soma de $5 + 4$ ”. Essa atividade promove o desenvolvimento da percepção numérica, ajudando os alunos a visualizarem e sentirem os números de forma mais concreta.

5. Finalização: Reflexão e Socialização

Ao final da atividade, os alunos serão incentivados a compartilhar suas experiências, expressando quais materiais sensoriais mais gostaram e como se sentiram ao resolver os problemas matemáticos com o auxílio dos objetos táteis. Essa reflexão também permitirá que a professora observe como cada aluno interage com os estímulos sensoriais e identifica possíveis dificuldades ou facilidades no aprendizado dos conceitos matemáticos.

Avaliação: A avaliação será feita com base na observação da participação dos alunos durante as atividades, especialmente no reconhecimento dos números e na resolução das operações de adição e subtração. O progresso será observado de acordo com a interação dos alunos com os materiais sensoriais e sua capacidade de resolver os problemas propostos.

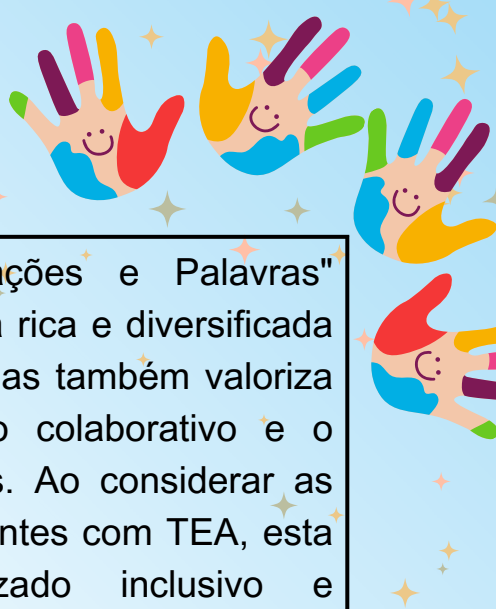
Imagem da Atividade 2



Fonte: Via Google Imagens (2024)

4.3. Atividade 3 – Ortografia

Área	Língua Portuguesa
Ano	3º; 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I
Competências da BNCC	EF15LP01: Produzir textos orais e escritos em situações de comunicação, utilizando diferentes gêneros textuais.
	EF15LP02: Ampliar o vocabulário e a ortografia através da prática de escrita e leitura.
	EF04LP09: Usar diferentes estratégias para a leitura e a produção de textos, desenvolvendo a autonomia.
Objetivos	Desenvolver habilidades ortográficas por meio da associação de palavras a experiências sensoriais.
	Promover a integração sensorial e o uso da linguagem de maneira lúdica e criativa.
	Estimular a colaboração e a comunicação entre os alunos.
Materiais Necessários	Uma caixa grande ou recipiente opaco.
	Vários objetos ou materiais que representem diferentes palavras (ex.: areia, folhas, pedras, tecidos, bolinhas de gude, objetos do cotidiano como uma colher, um livro, etc.).
	Fichas de papel em branco ou cadernos.
	Canetas, lápis de cor e marcadores.
	Quadro branco ou papel grande para registrar as palavras e suas ortografias.



Justificativa Pedagógica	A atividade "A Caixa de Sensações e Palavras" representa uma proposta pedagógica rica e diversificada que não apenas ensina ortografia, mas também valoriza a experiência sensorial, o trabalho colaborativo e o desenvolvimento integral dos alunos. Ao considerar as necessidades específicas dos estudantes com TEA, esta atividade promove um aprendizado inclusivo e significativo, alinhado às diretrizes da BNCC.
--------------------------	--

Fonte: Autora

Descrição da Atividade:

1. Preparação da Caixa de Sensações:

Antes da atividade, o mediador deve preparar a caixa, colocando dentro dela objetos que representem palavras que os alunos já conhecem ou que serão trabalhadas, como mostra a imagem da atividade, certificando-se de que os objetos sejam seguros e que os alunos possam manuseá-los sem risco.

2. Exploração Sensorial

Divida a turma em pequenos grupos e distribua a caixa de sensações.

Peça que cada grupo explore a caixa, retirando um objeto de cada vez e discutindo entre si o que cada objeto representa. Eles devem pensar em palavras que descrevam o objeto e suas características sensoriais (toque, cheiro, som, etc.).

3. Produção de Palavras e Ortografia

Após a exploração, cada grupo deve escolher 5 a 7 objetos e criar uma lista de palavras relacionadas a esses objetos. Por exemplo, se o grupo pegar um objeto que representa "areia", a lista pode incluir "areia", "deserto", "castelo", "praia".

Em seguida, os alunos devem praticar a escrita dessas palavras em fichas, focando na ortografia correta. Os grupos podem decorar as fichas, utilizando canetas coloridas e desenhos que representem os objetos.

4. Apresentação e Compartilhamento

Cada grupo apresentará suas palavras e objetos para a turma, explicando por que escolheram aquelas palavras e como elas se relacionam com os objetos.

O mediador pode anotar as palavras no quadro branco e fazer correções ortográficas, quando necessário, garantindo que todos os alunos possam ver as correções e aprender com elas.

5. Reflexão Final

Para finalizar, conduza uma discussão sobre como a atividade ajudou os alunos a compreenderem melhor a ortografia e a importância das palavras. Pergunte como se sentiram durante a exploração dos objetos e o que aprenderam sobre a escrita das palavras.

Avaliação: A avaliação da atividade deve ser um processo contínuo e reflexivo, permitindo que os alunos compreendam seu próprio progresso e identifiquem áreas em que podem desenvolver suas habilidades. O uso de múltiplas formas de avaliação ajuda a criar um ambiente inclusivo e estimulante, onde todos os alunos se sentem valorizados e motivados a aprender.

Imagem da Atividade 3



Fonte: Via Google Imagens (2024)

4.4. Atividade 4 – Cozinhando Frações

Área	Matemática
Ano	4º e 5º ano do Ensino Fundamental I
Competências da BNCC	(EM13MAT102) Identificar e utilizar frações em diferentes contextos, representando-as de maneira concreta, pictórica e simbólica.
	(EM13MAT101) Resolver problemas que envolvam as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão, e entender e usar frações em situações do dia a dia.
Objetivos	Desenvolver a compreensão de frações através de uma experiência prática e sensorial, promovendo a integração sensorial e o aprendizado matemático em alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).
	Fazer com que os alunos identifiquem e representem frações de forma concreta e lúdica.
	Proporcionar uma experiência sensorial que estimule os sentidos, contribuindo para a concentração e engajamento dos alunos.
Materiais Necessários	Utensílios de cozinha (tigelas, colheres, copos de medidas)
	Ingredientes simples (como farinha, açúcar, água, etc.)
	Cartões com imagens de frações ($\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{3}{4}$, etc.)
	Fichas de atividades impressas
	Material de apoio sensorial (texturas, objetos com diferentes temperaturas, entre outros)





Justificativa Pedagógica

A atividade "Cozinhando Frações" foi elaborada considerando a importância da aprendizagem significativa e da integração sensorial, especialmente em alunos com TEA, que podem ter dificuldades em ambientes tradicionais de ensino. A manipulação de ingredientes e utensílios permite que os alunos visualizem e compreendam melhor o conceito de frações, além de estimular os sentidos e promover a inclusão social.

Fonte: Autora

Descrição da Atividade:

1. Introdução

Iniciar a atividade com uma breve explicação sobre frações, utilizando cartões com imagens para ilustrar, como mostra a imagem da atividade, apresentando os ingredientes e utensílios que serão usados na atividade.

2. Atividade Prática

Dividir os alunos em grupos pequenos e atribuir a cada grupo uma receita simples (por exemplo, uma receita de bolo que necessite de frações). Cada grupo deverá medir os ingredientes usando frações, por exemplo, $\frac{1}{2}$ xícara de açúcar, $\frac{1}{4}$ de xícara de farinha, etc.

Os alunos devem manipular os ingredientes, misturá-los e prepará-los, enquanto conversam sobre as frações que estão usando.

3. Reflexão e Discussão

Após a preparação, cada grupo apresentará sua receita e os tipos de frações que utilizaram. Promover uma discussão sobre como as frações foram aplicadas na prática e sua importância na cozinha.

4. Finalização

Se possível, assar o bolo para que todos possam experimentar. Caso não seja viável, os grupos podem levar as receitas para casa. Encerre a atividade com uma avaliação sobre o que aprenderam e como se sentiram durante a atividade.

Avaliação: Observar a participação dos alunos durante a atividade prática, a colaboração no grupo e a capacidade de identificar e usar frações corretamente. Os alunos poderão ser avaliados com base em uma ficha de autoavaliação, onde poderão indicar o que aprenderam sobre frações e como se sentiram ao trabalhar em grupo.

Imagem da Atividade 4



Fonte: Via Google Imagens (2024)



Fonte: Via Google Imagens (2024)

Recursos audiovisuais também podem ser incorporados nas atividades sensoriais. Vídeos educativos que demonstrem processos de preparação de alimentos ou conceitos matemáticos ajudam a reforçar o aprendizado visual. Sons relaxantes ou músicas suaves podem criar um ambiente mais propício ao foco e à concentração, proporcionando uma experiência de aprendizado mais tranquila.

Além disso, utensílios de culinária, como medidores de ingredientes em diferentes frações, são valiosos para a compreensão prática de conceitos matemáticos, como frações. A manipulação de ingredientes durante atividades culinárias permite que os alunos vejam e experimentem as frações de forma concreta e lúdica.



Fonte: Via Google Imagens (2024)



Fonte: Via Google Imagens (2024)

Um ambiente de aprendizagem que inclui espaços sensoriais e uma variedade de materiais estimula a curiosidade e a exploração. Ambientes que apresentam diferentes estações sensoriais, onde os alunos podem interagir com diversos materiais, promovem um aprendizado ativo e colaborativo.

A tecnologia também pode ser uma aliada importante, com aplicativos e ferramentas interativas que oferecem atividades educativas de forma dinâmica. Esses recursos ajudam a manter o interesse dos alunos e facilitam a compreensão de conceitos, tornando o aprendizado mais acessível e engajador.

Ao integrar esses materiais e recursos sensoriais em atividades educativas, os educadores não apenas promovem o aprendizado de conteúdos específicos, mas também ajudam os alunos a desenvolverem habilidades sociais, emocionais e motoras, fundamentais para seu desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um tema de grande relevância dentro das discussões sobre educação, saúde e qualidade de vida. O TEA é caracterizado por dificuldades na comunicação, na interação social e por padrões de comportamento repetitivos, podendo estar associado a distúrbios sensoriais que afetam a forma como o indivíduo percebe e responde aos estímulos do ambiente, nesse contexto, as atividades de integração sensorial desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades essenciais para a autonomia e a inclusão social dessas pessoas.

A integração sensorial refere-se à capacidade do sistema nervoso de receber, processar e organizar estímulos provenientes dos sentidos, como visão, audição, tato, paladar, olfato, propriocepção (sensação do próprio corpo no espaço) e vestibular (equilíbrio e movimento). Para muitas pessoas com TEA, essa regulação sensorial é desafiadora, podendo haver hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos, o que afeta diretamente o comportamento e a interação com o meio, assim, a abordagem da integração sensorial, proposta inicialmente por Jean Ayres, enfatiza a necessidade de atividades estruturadas que estimulem o processamento sensorial de maneira organizada e funcional.

As atividades de integração sensorial são projetadas para ajudar pessoas com TEA a responderem melhor aos estímulos do ambiente, promovendo a adaptação a diferentes situações do cotidiano. Entre essas atividades, destacam-se brincadeiras com texturas variadas, exercícios motores que envolvem equilíbrio e coordenação, jogos com luzes e sons controlados, além de práticas como o uso de bolas terapêuticas, trampolins e piscinas de bolinhas, bem como as atividades citadas nesse caderno pedagógico, visto que essas estratégias são fundamentais para o desenvolvimento de competências motoras, cognitivas e emocionais, impactando positivamente a qualidade de vida e a inclusão social.

A importância dessas atividades vai além do desenvolvimento sensorial, pois elas também contribuem significativamente para a regulação emocional e comportamental de pessoas com TEA, quando um indivíduo apresenta

dificuldades na integração sensorial, pode demonstrar reações exacerbadas ou ausentes a determinados estímulos, o que pode levar a comportamentos como evitar determinados ambientes, demonstrar ansiedade extrema ou buscar estímulos repetitivos para se autorregular. Dessa forma, a terapia de integração sensorial não apenas auxilia na adaptação a estímulos ambientais, mas também melhora a comunicação e a interação social, elementos fundamentais para a inclusão escolar e social, por isso dá-se sua importância na abordagem e desenvolvimento.

Além do impacto individual, as atividades de integração sensorial também favorecem o processo inclusivo em ambientes coletivos, como a escola, espaços de lazer e ambientes terapêuticos. Ao proporcionar um ambiente sensorialmente amigável e adaptado às necessidades das pessoas com TEA, cria-se um espaço onde o aprendizado e a socialização ocorrem de forma mais acessível, o que reforça a necessidade de formação de profissionais da educação e saúde para compreenderem as particularidades do TEA e promoverem estratégias inclusivas eficazes.

A prática da integração sensorial também desempenha um papel essencial na formação da autonomia e independência das pessoas com TEA. Crianças que desenvolvem maior consciência corporal e controle sobre suas respostas sensoriais tendem a se sentir mais confiantes para explorar novos ambientes, interagir com outras pessoas e participar de atividades do dia a dia, o que contribui diretamente para a redução de barreiras que limitam a participação ativa na sociedade.

Outro ponto relevante é o impacto positivo das atividades sensoriais na qualidade de vida das famílias e cuidadores de pessoas com TEA. Muitos desafios diários enfrentados por essas famílias estão relacionados às dificuldades sensoriais de seus filhos ou familiares autistas, como crises em locais públicos, dificuldades com a alimentação, recusa a determinadas roupas ou texturas e comportamentos autolesivos. Com a introdução de atividades de integração sensorial, observa-se uma melhora na adaptação a diferentes estímulos, proporcionando maior bem-estar tanto para a pessoa com TEA quanto para aqueles que convivem com ela.

Portanto, as atividades de inclusão voltadas à integração sensorial são uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento de pessoas com TEA, não apenas auxiliam na regulação sensorial e comportamental, mas também fortalecem habilidades motoras, cognitivas e sociais, favorecendo a inclusão escolar e social. Dessa forma, investir em estratégias de integração

sensorial é essencial para garantir que pessoas com TEA tenham oportunidades igualitárias de aprendizado, desenvolvimento e participação plena na sociedade.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. S. **Atendimento Educacional especializado na escola comum como ação pedagógica favorecedora da educação inclusiva**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 05 out. 2024.

CAMINHA, R. C. **Autismo: um transtorno de natureza sensorial?** 2008. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2008_61d166a244c37e45ba47bac616b1a845.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

CARDOSO, N. R.; BLANCO, M. B. Terapia de Integração Sensorial e o Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, n. 11, p. 108-125, 2019. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/download/1547/2273>. Acesso em: 02 out. 2024.

CEBALLOS, A. G. da C. de et al. Avaliação perceptivo-auditiva e fatores associados à alteração vocal em professores. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, p. 285-295, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rbepid/2011.v14n2/285-295/pt>. Acesso em: 12 set. 2024.

COSTA, A.P.F. Abordagem de Integração Sensorial em crianças de 0 a 4 anos com autismo. *In*: JUNIOR, W.C. **Intervenção precoce no autismo: guia multidisciplinar: de 0 a 4 anos**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2017.

DÍAZ, A. S. Uma aproximação à pedagogia-educação social. **Revista Lusófona de Educação**, v. 7, n. 7, 2006. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/rle/n7/n7a06.pdf> . Acesso em: 14 maio. 2024.

FERNANDES, A. A. S. **Autismo: ensinar aprendendo e aprender ensinando**. Votuporanga: Clube de Autores, 2016.

FIGUEIREDO, N. **Ensino e aprendizagem significativa**: uma abordagem cognitiva. Porto: Porto Editora. 2010.

FONSECA, V. da. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. vol.31, ed.96 São Paulo 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v31n96/02.pdf> . Acesso em: 20 jun. 2024.

FRANCO, A. M. dos S. L.; SCHUTZ, G. E. Sistema educacional inclusivo constitucional e o atendimento educacional especializado. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 244-255, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2019.v43nspe4/244-255/> . Acesso em: 08 ago. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FURTUOSO, P; MORI N. N. R. Integração sensorial e modulação sensorial de escolares com transtorno do espectro do autismo. **Revista Conjecturas**. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/103173767/Integra%C3%A7%C3%A3o_sensorial_e_modula%C3%A7%C3%A3o_sensorial_de_escolares_com_transtorno_do_espectro_do_autismo . Acesso em: 13 jun. 2024.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento motor**: Bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GATTI, B. A. *et al.* **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019.

GAUDERER, C. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**: Guia Prático para pais e profissionais. 2. ed. Revista e ampliada, Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1997.

GOOGLE IMAGENS: **Estimulações Sensoriais**, 2024. Disponível em: estimulação sensorial - Pesquisa Google . Acesso em: 13 out. 2024.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia social**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, E. C. A Pedagogia social/Educação social nos meandros da comunidade e da escola. **Educare educere**, p. 5-24, 2013. Disponível em: https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2654/1/Educare%2520educere_Ernesto_Martins.pdf . Acesso em: 16 ago. 2024.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil**: História e Políticas Públicas. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELLO, A. M. S.R. **Autismo: guia prático**. 6. ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MENDES, J. I.; COSTA, J. R. Integração sensorial em crianças com transtorno do espectro autista. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 17, n.2, p.1-3. 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/3791> . Acesso em: 18 jun. 2024.

MESQUITA, R. M. Comunicação Não-Verbal: Relevância na Atuação Profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138567/133974>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ORRÚ, S. E. **Autismo, Linguagem e Educação**: interação social no cotidiano escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

OZÓRIO, F. J. D. G. et al. Políticas públicas para o atendimento educacional especializado em Fortaleza durante a pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/download/3864/3491> . Acesso em: 07 set. 2024.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 07 ago. 2024.

RAMOS, M. N. A pedagogia das competências e a psicologização das questões sociais. **Boletim técnico do SENAC**, v. 27, n. 3, p. 26-35, 2001. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/573/491> . Acesso em: 08 set. 2024.

RELVAS, M. P. **Neurociência e transtornos de aprendizagem: As múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**. Digitaliza Conteúdo, 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

SANTOS, J. O. L. dos. *et al.* O atendimento educacional especializado para os educandos com autismo na rede municipal de Manaus-AM. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, p. 99-119, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/vJp3j4SQxWSkhXzt6WKz5nm/> . Acesso em: 15 jun. 2024.

SARAVALI, E. G. A interação social das crianças com queixa de dificuldades de aprendizagem: reflexões para professores e psicopedagogos. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. v. 21. ed. 66. 2004. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/386/a-interacao-social-das-criancas-com-queixa-de-dificuldades-de-aprendizagem--reflexoes-para-professores-e-psicopedagogos> . Acesso em: 11 set. 2024.

SERRANO, P. **A Integração Sensorial no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. 2. ed rev. Lisboa: Papa Letras; 2016.

SOUZA, L. P. **Pesquisas e Relatos**, Campo Grande: Editora Inovar, 1. ed. 2021.

SOUZA, R. F. de; NUNES, D. R. de P. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/30374> . Acesso em: 21 ago. 2024.

TEIXEIRA, M.A.P.; CASTRO, A.K.S.S. de; ZOLTOWSKI, A.P.C. Integração acadêmica e integração social nas primeiras semanas na universidade: percepções de estudantes universitários. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 69-85, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v5n1/v5n1a06.pdf> . Acesso em: 25 ago. 2024.

VIEIRA, A.M. Pedagogia Social nas escolas: um olhar sobre a mediação e educação social. **Cadernos de Pedagogia Social**, n. 4, p. 9-26, 2012. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/cpedagogiasocial/article/view/1945> . Acesso em: 23 set. 2024.

YAEGASHI, S.F.R. et al. O Atendimento Educacional Especializado no contexto da Educação Infantil: um estudo sobre a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8, n. 3, p. 774-796, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/download/69643/44072> . Acesso em: 26 set. 2024.